

A UNIÃO CRIADORA DE CHARDIN: ASPECTOS TEOLÓGICOS¹

Luiz Alencar Libório²

RESUMO

Há poucos anos, celebrou-se o bicentenário do nascimento de Charles Darwin e ante a persistente celeuma existente, nos meios acadêmicos, entre o criacionismo e o evolucionismo, vistos como antagônicos pela cultura de então, como também, às vezes, em nossos dias, e também às vésperas do cinquentenário da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-2012, visa-se, com este artigo, fazer uma reflexão sobre os aspectos teológicos do pensamento do jesuíta, Pierre Teilhard de Chardin, sacerdote, biólogo e paleontólogo que tenta colocar uma visão de síntese (união criadora: evolucionismo criador) sobre a problemática. É claro que essa tentativa de quebrar paradigmas agrada a uns e desagrade a outros. No entanto, Chardin teve a grande ousadia de colocar algo novo e de ver Deus latejando em todo processo evolutivo. A matéria é um momento no Espírito e Deus é o Alfa, Meio e o Ômega, o Início, o Fim e o Meio (Canção *Gità* de Raul Seixas) de todo processo evolutivo, sendo tudo chamado à plena Amorização, tendo o homem um lugar privilegiado nesse processo: protagonista, novidade absoluta, flecha da evolução e terceiro infinito.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo e modernidade; evolucionismo; criacionismo; evolucionismo criador; amorização.

¹ Parte de uma Palestra proferida pelo autor na Semana Teológica da UNICAP, em maio de 2005.

² Professor/Pesquisador Adjunto I do Grupo de Pesquisa RECULTUR da UNICAP. Licenciado em Filosofia, Teologia e Psicologia. Especialização em Psicologia Cognitiva (UFPE), Metodologia do Ensino Superior (UNICAP) e Psicologia da Religião (UPS). Mestre e Doutor em Psicologia da Família (2001) pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma (UPS). É professor de Psicologia da Religião no Mestrado de Ciências da Religião da UNICAP, orientador de mestrandos, alunos do PIBIC e de Monografias, ministrando aulas também na Graduação e no Bacharelado de Teologia da UNICAP. E-mail: laliborio@terra.com.br

The Creating Union According to Chardin: theological aspects

ABSTRACT

Some years ago it was celebrated the bicentennial of Charles Darwin's birth and before the persistent existent noise, in the academic means, between creationism and evolutionism, seen as antagonistic for the that culture, as well as, sometimes, for our days, and also on the eve of the fiftieth anniversary of the opening of the Second Vatican Council (1962-2012) it is sought, with that article, to do a reflection on the theological Jesuit's thought, Pierre Teilhard of Chardin, priest, biologist and paleontologist that tries to put a synthesis vision (creative union: creative evolutionism) on the problem. Of course that attempt of breaking paradigms pleases some people and it displeases the other ones. However, Chardin had the great daring of putting something new and of seeing God throbbing in whole evolutionary process. The matter is a moment in the Spirit and God is the Alpha, Half and Omega or Begin, End and Middle (Song *Gità* of Raul Seixas) of whole evolutionary process, being everything called to the full Love, having man a privileged place in that process: protagonist, absolute novelty, arrow of the evolution and third infinity.

KEY WORDS: Christianity and modernity; evolutionism; creationism; creative evolutionism; full love.

Introdução

O cientista (paleontólogo-geólogo) e sacerdote (filósofo e teólogo) Teilhard de Chardin, embora não muito conhecido entre nós, foi um fenômeno que gerou tantos escritos sobre ele que tentou ser um diálogo entre Ciência e Religião (Fé).

De fato, de 1913 a 1977, segundo Gérard Baudry (*apud* Jacques Arnould, 1999, p. 68), mais de 2.000 títulos foram escritos a respeito do jesuíta Teilhard de Chardin.

Entre 1955 e 1958, foram publicados principalmente elogios fúnebres, análises científicas e testemunhos de amigos próximos (e após a sua morte, as obras de Chardin), como Pierre Leroy S.J. (*Pierre Teilhard de Chardin tel que je l'ai connu*: "Pierre Teilhard de Chardin tal como o conheci"), Claude Cuénot (*Pierre Teilhard de Chardin. Les grandes étapes de son évolution*: "Pierre Teilhard de Chardin. As grandes etapas de sua evolução"), *Einstein et Teilhard de Chardin annoncent*

une science et une religion cosmique” (Le Figaro): “Einstein e Teilhard de Chardin anunciam uma ciência e uma religião cósmica” e outros tantos testemunhos comparando-o a Bergson e outros grandes cientistas.

Também houve críticas ferrenhas a Teilhard de Chardin, principalmente a partir de 1959. Pierre de Boisdeffre e Teldy Naim se interrogam: *Faut-il brûler Teilhard de Chardin?*: “É necessário queimar Teilhard de Chardin”? E outros livros da “Action-Fatima-France”: *Teilhard de Chardin, prêtre de la Compagnie de Jésus contre l’Évangile de Jésus-Christ* (Teilhard de Chardin, padre da Companhia de Jesus, contra o Evangelho) e *Teilhard de Chardin face à l’Évangile, la science, l’Église* (Teilhard de Chardin diante do Evangelho, da ciência e da Igreja).

Outras críticas são mais violentas: “Teilhard é um tolo” (Robert Dehoux), “Tiro em Teilhard” (Pivot) e “Teilhard, o apóstata”, entre tantos outros, inclusive o conhecido “Santo Ofício”.

Como se pode observar, Teilhard atraiu atenções sobre si que, de modo positivo e negativo, o apoiaram ou o tentaram destruir, como acontece com a mudança de paradigmas (KUNN, 2002)³.

Para refletir sobre os aspectos teológicos do pensamento de Chardin, este artigo se divide nas seguintes partes: 1) Dados biográficos de Chardin e 2) Fenômeno Humano: aspectos teológicos. Veja-se um pouco da biografia de Teilhard de Chardin.

³ KUNN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.

1 Dados biográficos de chardin

1.1 O problema

É do conhecimento de quase todos os cristãos que o livro do Gênesis (Livro que relata as origens da humanidade), nos seus capítulos 1e 2, descreve a criação do mundo, da vida e do homem (6º dia) de um modo fixista e mágico.

Essa interpretação ainda é dada por muitas Igrejas que fazem uma leitura letrista (fundamentalista) do relato da criação ou mesmo da Bíblia Sagrada, faltando uma leitura exegética, segundo uma boa hermenêutica (Ciência da interpretação).

Em 1809, o *chevalier* (cavaleiro) de Lamarck (ex-seminarista e naturalista francês Jean-Baptiste de Monet) torna conhecido o “transformismo” e a “geração espontânea”, com seus livros “Filosofia zoológica” (1809) e “História natural dos animais sem vértebras” (1815-1822) retomados depois por Charles Darwin.

Em 1859, o inglês Charles Darwin, baseado também em pesquisa nas ilhas Galápagos (Equador), escreveu o livro a “Origem das espécies” entrando em choque com a visão das Igrejas cristãs que defendiam o criacionismo e não a evolução, com a seleção natural das espécies, defendida por Lamarck e Darwin, tendo sido assim questionada a intervenção direta de Deus no ato da criação do mundo, da vida e do homem.

Muitas batalhas foram e são travadas sobre a criação e a evolução até os nossos dias. Quem está com a verdade: a teoria criacionista ou a evolucionista?

O pêndulo tem oscilado entre esses dois pontos até que surgiu uma terceira teoria com a “União criadora” (“evolucionismo criador”) de Pierre Teilhard de Chardin (1º/05/1881-10/04/1955), sacerdote jesuíta francês, filósofo, geólogo e paleontólogo, nascido em Sarcenat,

feudo da família Teilhard de Chardin, ao sul de Clermont-Ferrand, na região de Auvergne (centro-sul da França) e falecido em Nova York (USA).

Teilhard de Chardin era de família aristocrática e, influenciado pelo fervor religioso de sua mãe, dedica-se à vida eclesiástica. Na escola (pensionato jesuíta de Mongré), é o aluno mais aplicado com grande interesse pela geologia.

Motivado pelo desejo do “mais perfeito”, entra no Noviciado jesuíta de Aix-en-Provence, com 18 anos (1899), e para o juvenato de Laval, em 1900, onde é estimulado pelos superiores a prosseguir com os estudos de Geologia.

Com a expulsão da Companhia de Jesus da França, em 1901, em consequência da lei Waldeck-Rousseau/Pierre (1846-1904): foi presidente do Conselho de 1899-1902, fez votar a lei contra as ordens religiosas. Em 1901, Teilhard se exila na ilha de Jersey (Inglaterra), onde estuda Filosofia e Letras e começa seus Estudos de geologia. Em 1902, obtém a Licenciatura em Letras.

Em 1905, parte para o Egito, por ordem dos superiores, passando três anos a ensinar física e química no Colégio jesuíta da Sagrada Família do Cairo (Egito), retornando à Inglaterra, onde continua os estudos de Geologia e fez Teologia (1908-1912), em Ore Place.

Em 1911, é ordenado sacerdote. Em 1912, retorna à França onde estudou Paleontologia. Forma-se junto a Marcellin Boule, professor de Paleontologia, no Museu Nacional de História Natural de Paris. Participa de uma “memorável” excursão (1913) às cavernas com pinturas pré-históricas, no Noroeste da Espanha (particularmente à de Altamira) e descobre a fraternidade internacional que reina na comunidade científica⁴.

⁴ Cf. ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e Cia: A Igreja e a evolução.** São Paulo: Paulus, 1999, p. 42-43.

As obras científicas do Pe. Teilhard de Chardin provocaram enormes controvérsias, tentando conciliar Ciência e Fé.

Chardin, durante a I Guerra Mundial, trabalha como enfermeiro, tentando descobrir o segredo das coisas em harmonia com uma visão espiritual do universo.

Nesse sentido, não aceita o conceito de “entropia” (quantidade de energia ou calor que se perde num sistema físico ou termodinâmico, quando ocorrem mudanças de um estado a outro, com tendência ao estado de inércia e degradação), criado por Clausius, em 1865, e que significa “voltar sobre si mesmo”.

Para Teilhard, a degradação da energia física age a favor da energia espiritual e favorece a espiritualização do cosmo.

Sua concepção de vida leva-o à experiência do amor, que considera inevitável para quem, desde a infância, andara à procura do coração da matéria.

Aos 22 de março de 1922, doutora-se em Ciências, na Sorbonne, com o trabalho: “Os mamíferos do eoceno inferior francês e seus sítios” e ocupa a cadeira de Geologia, no Instituto Católico de Paris.

A capital francesa oferecia a Teilhard de Chardin uma irradiação espiritual, científica e filosófica de primeira ordem; nela ele encontrou Maurice Blondel, Édouard Leroy e Léontine Zanta, amigos que lhe permitiram abrir seus pensamentos, como ele mesmo reconheceu. Teilhard de Chardin dirigia-se a auditórios de jovens leigos, de seminaristas e de professores.

Cheio de esperança na Igreja, escreveu sua “Nota sobre algumas representações históricas possíveis do pecado original” (em 15/04/1922: publicada no tomo X de suas Obras), reagindo logo o Santo Ofício, acusando-o de negar o dogma do pecado original (primeiro elemento de seu dossiê romano).

Esse é o primeiro “sintoma” de um novo paradigma nesse campo por parte do “padre-pesquisador” jesuíta⁵ (Para Chardin, era difícil inserir a representação histórica do pecado original em sua visão científica.

Isso o leva a assinar um texto que exprimia esse dogma em termos ortodoxos, tendo de abandonar o ensino no Instituto Católico de Paris e ir para a China, embarcando, no dia 26 de abril de 1926 e chegando a Tien-tsin, aos 10 de junho, onde fez pesquisas no deserto do Ordos. Aqui começa o “tempo de silêncio”, que dura 20 anos (1926-1946)⁶. Em 1929, participa da descoberta do sinantropo (*Sinanthropus pekinensis*), em Chou-k’ou-tien, passando a preocupar-se com a origem do homem.

Sempre sob pressão e oposição de seus superiores, realiza numerosas viagens e expedições, ao mesmo tempo em que escreve os seus livros, que, antes de sua morte, circulavam como exemplares mimeografados, publicados como livros somente após a sua morte.

Em 1931, viaja durante um ano, em expedição, no Turquestão chinês. Em 1933, participa de um Congresso de Geologia, em Washington. Em 1939, participa de novas expedições na China, na Índia, Java e Birmânia.

Vai a Roma, em 1946, solicitar licença para lecionar e publicar os seus tratados, sem o conseguir. Em 1951, é nomeado membro da Academia de Ciências da França. Aos 10 de Abril de 1955, morre em Nova York.

Teilhard de Chardin é um fenômeno, pois de 1913-1977 foram escritas mais de 2.000 obras sobre ele e o seu pensamento: “união criadora convergente, centrípeta” (diferente da “evolução criadora” de Bergson: irradiação divergente).

⁵Vide KUHN, Thomas, **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

⁶ ARNOULD, Jacques. *Idem*, p. 49-50.

De fato, afirma Henri De Lubac, seu contemporâneo e admirador:

Enquanto na “evolução criadora” de Bergson, o cosmo se revela como irradiação divergente que parte de um centro de irradiação, a figura do Universo, como o descobre a “união criadora” de Chardin, é a de redução, de convergência, de confluência centrípeta, partindo de alguma esfera infinitamente distendida. Igualmente evolutivas, as duas teorias são opostas uma à outra ⁷.

Vejamos em que consiste a união criadora de Pierre Teilhard de Chardin!

1.2 UNIÃO CRIADORA (EVOLUCIONISMO CRIADOR)

O principal livro de Teilhard de Chardin a expor suas novas ideias de tentativas de diálogo entre Ciência e Fé foi o “Fenômeno Humano”⁸.

Ele se divide em:

A PRÉ-VIDA: I – O Estofo do Universo
 II – O Dentro das Coisas
 III – A Terra Juvenil

A VIDA: I - O Aparecimento da Vida
 II - A Expansão da Vida
 III - A Terra-Mãe (Deméter)

O PENSAMENTO: I – O Nascimento do Pensamento
 II - O Desdobramento da Noosfera
 III - A Terra Moderna

A SOBREVIDA: I – A Saída Coletiva
 II - Para além do Coletivo: O Hiperpessoal
 III – A terra Final

EPÍLOGO: - O Fenômeno Cristão

⁷ DE LUBAC, Henri. *La pensée religieuse du Père Teilhard de Chardin*. Paris: Aubier, 1962, p. 286.

⁸ *Le Phénomène Humain*. Paris: Éditions du Seuil, em 1955, após a sua morte.

Vejamos, agora, o essencial do Pensamento de Teilhard de Chardin no livro Fenômeno Humano, seu testamento espiritual, abordando apenas os aspectos teológicos.

2 O FENÔMENO HUMANO: ASPECTOS TEOLÓGICOS

2.1 O ensaio da vida

O princípio essencial do universo é que tudo nasce, cresce e se desenvolve. Cada desenvolvimento, portanto, está ligado a um *processus* que se aplica tanto ao arranjo da matéria como à biologia genética (mutações), à história (eventos, revoluções, etc.), à psicologia (ideias, fatos de consciência).

Em todos os domínios, após o crescimento, uma grandeza muda subitamente de aspecto, de estado ou de natureza. Todo o processo da evolução para Teilhard é como uma espiral que representa ao mesmo tempo o movimento de convergência e de ascendência da evolução.

Quatro grandes épocas dividem a história da vida e do homem segundo Chardin:

- a “Cosmogênese”: que vai da criação até o aparecimento da vida;
- a “Biogênese”: que termina com o aparecimento do homem;
- a “Antropogênese”: que vai até o ponto Ômega, realidade absoluta, divina, o grau máximo de aperfeiçoamento;
- a “Cristogênese”: o aparecimento de Cristo para quem todas as coisas convergem.

Quatro também são as leis fundamentais que determinam as épocas do desenvolvimento das forças materiais e espirituais do universo:

- a “lei da complexidade crescente”;
- a “lei da complexidade consciente”, que se aplica à Cosmogênese e à Biogênese;
- a “lei da cefalização”, relativa aos seres vivos superiores;

- a “lei de socialização” (com três eixos: unificação social, generalização da técnica e o aprofundamento da visão do universo) que rege a Antropogênese (com maior integração e combinação progressiva dos indivíduos e dos movimentos de socialização). O que se desenvolve no plano orgânico acontece também no plano social.

Com suas obras, Teilhard tentou estabelecer um diálogo entre Ciência e Religião, aceitando a evolução das espécies de Darwin, mas colocando Deus como Início (A), Meio e Fim (Ômega) do processo evolutivo: o evolucionismo criador, havendo uma passagem qualitativa da consciência não reflexa para a consciência reflexa, dos antropoides para o *homo faber* (homem que faz: pedra lascada), *homo sapiens* (homem que sabe: conceitos: pedra polida) e *homo nauticus* (homem que navega no espaço: hoje, só tendo usado 10% da capacidade intelectual), segundo a *Árvore da Vida* (Fenômeno Humano, 1965, p. 161).

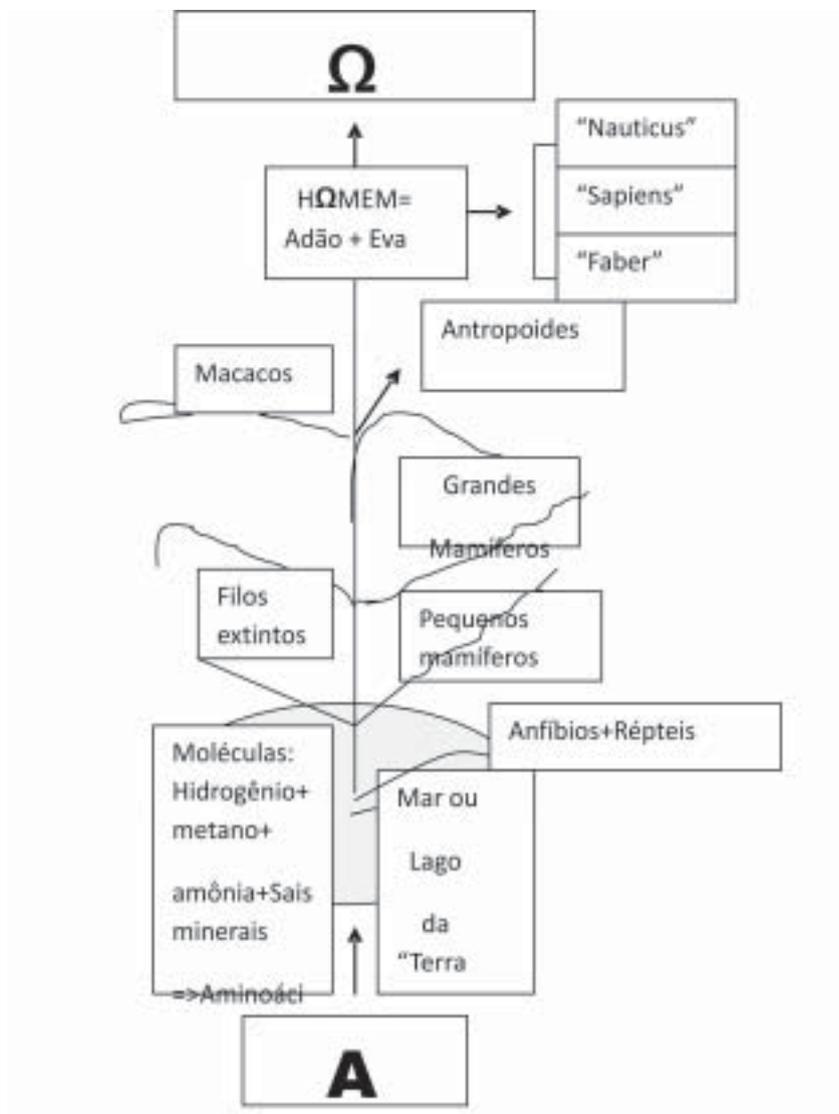
Noutras palavras, Deus cria através do longo e sinuoso processo evolutivo e não de uma maneira instantânea, fixista e mágica, como descrito no Gênesis (1-2), sendo isso muito mais nobre para Deus. A leitura de seu principal livro, o Fenômeno Humano, trará uma visão completa do que acima foi colocado.

Quem muito descreve sobre o Fenômeno Humano é o Prof. Pe. Pedro Dalle Nogare S.J.⁹.

Vejam agora a chamada *Árvore da Vida*, que mostra o desenvolvimento das quatro etapas da história da vida e do homem em seu evoluir desde a Cosmogênese (o nascer do Cosmos), passando pela Biogênese (o nascer da vida) e pela Antropogênese (o nascer do homem como ser reflexivo, racional e espiritual, em seus diversos estágios, em nível individual e social) até a Cristogênese (Ômega), quando Cristo será tudo em todos (Ap. 21): a amorização, a plenitude, a parusia!

⁹ Em seu livro: “Humanismos e Anti-humanismos em conflito” (Herder – Vozes, 1973, 1ª edição).

2.2 ÁRVORE DA VIDA



Fonte: O Fenômeno Humano, 1965, p. 61.

Noutras palavras, Deus cria através do longo e sinuoso processo evolutivo e não de uma maneira instantânea, fixista e mágica, como descrito no Gênesis (1-2), sendo isso muito mais nobre para Deus. A leitura de seu principal livro, o Fenômeno Humano, trará uma visão completa do que acima foi colocado.

A obra de Chardin (Fenômeno Humano) aponta o complexo fenômeno da Vida que vai desaguar, após muitos meandros evolutivos, no salto qualitativo de zero a dez, que é o surgir do “Homem” (*erectus, faber, sapiens, sapiens-sapiens, nauticus*).

A seguir, ver-se-ão sinteticamente os aspectos teológicos que a Igreja acha que Chardin fere como sua teoria evolucionista.

2.3 A UNIÃO CRIADORA DE CHARDIN E OS DOGMAS TEOLÓGICOS

Toda essa visão de Teilhard de Chardin certamente atingiu um dos principais pilares da Igreja: a Doutrina (dogmas) que influencia certamente a fé dos fiéis pela qual o Magistério da Igreja tanto zela.

2.3.1 A dogmática católica, ferida com a união criadora de Chardin

Diante de todas essas correntes (evolucionismo, existencialismo, monogenismo, poligenismo, mutacionismo, etc.) que circulavam desde o fim do século XIX e metade do século XX, o papa Pio XII lança (12/08/50) a encíclica *Humani Generis* (Gênero humano) que, apesar de vislumbrar certa abertura para a pesquisa científica, “permanecia no seu imobilismo no domínio da pesquisa científica sobre as origens do homem, retomando a doutrina tradicional da Igreja, tirada diretamente de uma interpretação quase literal da Bíblia”¹⁰, condenan-

¹⁰ MINOIS, G. *L'Église et la science. Histoire d'un malentendu*. T.2. Paris: Fayard, 1991, p.364-365.

do o comunismo marxista, o evolucionismo e o existencialismo, especialmente, o existencialismo ateu de Jean-Paul Sartre e de Martin Heidegger.

A finalidade da encíclica era “esclarecer para restabelecer a serenidade intelectual, prevenir a difusão de erros vindos de fora da Igreja e determinar firmemente as posições a manter para assegurar a salvação do pensamento católico”¹¹, evitando o relativismo dogmático e uma interpretação não fundamentalista da Bíblia.

O que mais preocupava ao Magistério da Igreja no que concerne ao evolucionismo criador de Chardin era que:

1. ele feria os dogmas do “pecado original” de Adão e Eva, vistos como entes históricos (leitura fundamentalista, letrista de Gn.1-2);
2. negava a existência de um paraíso terrestre histórico (Saudade ou esperança?¹²): negava que o pecado do primeiro homem era transmitido a todos os seus descendentes não por imitação, mas por propagação: “É próprio de cada um” e é a “morte da alma”, isto é, a “privação” e não simplesmente a “carência de santidade”, mesmo nas crianças recém-nascidas (Cf. Concílio de Trento, Sessão V, Cânones 2-3);
3. negava a desobediência (primeiro pecado) de Eva e Adão, pais universais da humanidade, perdendo a santidade e a justiça (Cf. Concílio de Trento, Sessão V, Cânon 2), implantando o Mal no mundo;
4. não aceitava o “monogenismo” (a espécie humana vem de um só casal Adão e Eva, não aceitando o papa também a hipótese dos pré-adamistas e do poligenismo);
5. diminuía indiretamente a “redenção do segundo Adão” (Cristo);

¹¹ LÉVIE, J. *L'encyclique "Humani Generis"*, In: Nouvelle Revue Théologique, 72, 1950, p. 788.

¹² Vide C. MESTERS. Petrópolis: Vozes, 1975.

6. era uma teoria evolucionista “panteísta” (monista) a de Chardin (H.G. col. 1155);
7. negava a “criação imediata” das almas por Deus (e não através de uma longa e sinuosa evolução das espécies);
8. fazia uma interpretação inautêntica da Sagrada Escritura, afirmando que toda teoria de Chardin era um conjunto de hipóteses não provadas.

Diante de tudo isso, a Igreja reafirma a “Filosofia perene” (Tomismo) e o imutável Magistério da Igreja, sendo difícil uma conciliação entre Ciência e Religião¹³, denunciando os erros metodológicos, filosóficos e teológicos de Teilhard de Chardin.

É claro que um cientista (paleontólogo e geólogo) no roldão da evolução das ciências biológicas e naturais só podia ser condenado por uma Igreja que é bastante prudente no que se refere à integridade da fé católica no tempo-espaço, mormente no que concerne a uma tentativa de atualização da dogmática. Eis o grande e infinito impasse até os nossos dias!

Para tentar refletir sobre as críticas que a Igreja acima, gostaria de colocar alguns pontos, retirados do Diário e das Cartas de Teilhard de Chardin que sintetizam, ao seu modo, a sua nova visão das coisas.

“Para Teilhard de Chardin, os anos de 1912-1926 foram ricos em descobertas espirituais, as quais lhe permitiram dar ao seu pensamento dois componentes fundamentais: o sentido cósmico, precisado e sustentado pela visão evolucionista e o sentido crístico”.

Esses dois componentes estão expressos na última página de seu Diário: “Os dois artigos do meu credo: o Universo está centrado evolutivamente no alto, na frente e Cristo é seu centro” (Carta de 15/05/1926).

¹³ Pio X, *Pascendi Domini gregis*, 1907.

Esse pensamento mostra a passagem de Chardin do fixismo para o evolucionismo... O mundo não era mais um cosmo imóvel, mas uma cosmogênese; sua unidade era dinâmica; ele se desdobrava no espaço e no tempo, convergente, finalizado, ortogenético; sua evolução se opera pela adição orientada de pequenas mudanças, havendo assim a “santa Evolução” (Vida cósmica, 24/05/1916)¹⁴.

Diante das críticas do Santo Ofício, Chardin percebe logo a dificuldade: “Quanto mais se ressuscita cientificamente o passado, tanto menos se encontra lugar para Adão e Eva e para o paraíso terrestre”¹⁵. Em lugar de Adão, a paleontologia oferece homens de Mauer ou de Neandertal, extremamente desumanizados, até monstruosos; em lugar de jardim de Éden, a ciência descobre um mundo dominado pelo mal físico, “em estado de pecado original”.

Para Chardin, o pecado original exprime, traduz e personifica, num ato instantâneo e localizado, a lei perene e universal de culpa que está na humanidade, *em virtude* de sua situação de ser *in fieri* (fazendo-se, mudando, em devir).

Com relação à encarnação do Verbo (Cristo), Chardin assim se expressa na parte “O Estofado do Universo” (Fenômeno Humano):

O grande acontecimento de minha vida foi a identificação gradual, no céu de minha alma, de dois sóis, sendo um desses astros o Ápice cósmico postulado por uma Evolução generalizada de tipo convergente (não divergente como afirmava Bergson em a “Evolução criada”) e sendo o outro formado por Jesus ressuscitado da fé cristã. Ele é um polo de irreversibilidade absoluta, chamado o último Ponto Ômega, “Primeiro Motor na frente, porque Deus “pôs tudo debaixo de seus pés e o pôs acima de tudo” (Ef. 1,22). “O Cristo da Revelação se torna, sem mais tardar, o Cristo universal, através das funções de Ômega”¹⁶.

¹⁴ ARNOULD, Jacques. *Ibidem.* p. 50-51.

¹⁵ CHARDIN, T. DE. *Oeuvres*. T. X. Paris: Seuil, 1969, p. 62.

¹⁶ CHARDIN, T. DE. *Oeuvres*. T. I. Paris: Seuil, 1955, p. 302.

Finalmente, apesar de Teilhard de Chardin, em 1936, ter tido o seu nome indicado para a Pontifícia Academia de Ciências do Vaticano, na realidade, foi vetado como uma pessoa com a qual se deve ter cuidado e o processo de indicação foi arquivado.

2.3.2 Visão de teólogos atuais sobre a união criadora de Chardin

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), de um modo indireto, valorizou na *Gaudium et Spes*, o pensamento de Teilhard de Chardin, mostrando-se mais aberta ao mundo e suas mudanças.

O Catecismo da Igreja Católica reafirma:

A transmissão do pecado original é um mistério que não somos capazes de compreender plenamente. Sabemos, porém, pela Revelação, que Adão havia recebido a santidade e a justiça originais não exclusivamente para si, mas para toda a natureza humana: ao cedermos ao Tentador, Adão e Eva cometem um *pecado pessoal*, mas esse pecado afeta a *natureza humana* que vai redundar num *estado decaído*. É um pecado que será transmitido por propagação à humanidade inteira, isto é, pela transmissão de uma natureza humana privada da santidade e da justiça originais. É por isso que o pecado original é denominado “pecado” de maneira analógica: é um “pecado contraído” e não “cometido”, um estado e não um ato¹⁷.

No entanto, a batalha estava longe de chegar ao fim. Muitos teólogos se manifestaram sobre a evolução das espécies e o evolucionismo criador de Teilhard de Chardin. Dar-se-ão algumas rápidas sínteses do pensamento de dois famosos teólogos do século XX:

a) Karl Rahner S.J.

O teólogo alemão Karl Rahner reflete sobre as relações entre Teologia e Ciências da natureza. Abordando os temas do Monogenismo e do Poligenismo, ele escreveu três livros:

¹⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Várias Editoras, 1993, n° 404.

- 1) O monogenismo e a teologia (1954)
- 2) Pecado original e a evolução (1967)
- 3) Curso fundamental da fé (1976)

As reflexões de Rahner são muito profundas, admitindo em “Antropologia: problema teológico” que: “A matéria não pode de modo nenhum ser pura e simplesmente algo de todo disparatado e alheio ao espírito. Pelo contrário, a matéria é um momento limitado nesse mesmo espírito”¹⁸. Rahner acena na direção da matéria concebida por Teilhard de Chardin, e afirma com relação ao monogenismo:

O monogenismo é explicitamente enunciado no segundo e terceiro capítulos do Gênesis. Mas o teólogo deve evitar uma leitura muito literal da Escritura e interrogar-se sobre as fontes e as inspirações de seus redatores, pois, o redator não refletiu além da história que o cercava, a de seu círculo de visão (*Idem, Ibidem*).

E continua Rahner: “A continuação da pesquisa bíblica “não fornece nenhuma informação absolutamente clara a respeito do monogenismo estrito, além de uma unidade original e histórica do gênero humano, unidade que, *a priori*, poderia ser pensado de modo diferente”¹⁹.

Finalmente, fugindo do debate sobre o monogenismo, Rahner diz não conhecer muito de biologia e Ciências da natureza, pendendo mais para o Magistério da Igreja, mas pede que “a Teologia dogmática se torne uma antropologia teológica”²⁰, mostrando a necessidade de a Igreja ser mais pé no chão.

¹⁸ RAHNER, Karl. **Antropologia: problema teológico**. São Paulo: Herder, 1968, p. 15.

¹⁹ RAHNER, Karl. *Le monogénisme et la théologie*, In: *Écrits théologiques*. T. V. Paris: Desclée de Brouwer, 1966, p. 9-85.

²⁰ RAHNER, Karl. *Théologie et anthropologie*, In: *Théologie d'aujourd'hui et de demain*. Paris: Cerf, 1967, p. 99.

b) Jürgen Moltmann

O teólogo protestante J. Moltmann, em seu livro “O Homem” (1974)²¹, não faz alusão especial à evolução biológica. Ele afirma, no entanto, que:

O homem não é o sentido da evolução. A cosmogênese não está ligada ao destino do homem. É o destino do homem que depende da cosmogênese. Do ponto de vista teológico, o sentido do homem está, como o das coisas, em Deus.

De certo modo, o pensamento de Moltmann se opõe ao de Chardin quando se refere à cosmogênese, mas se assemelha muito ao de Chardin quando fala de Deus como o polo que atrai toda a criação. Só que ele vê Deus atraindo a si todas as coisas, enquanto Chardin coloca o processo evolutivo empurrando o homem para o Ômega que também atrai o homem e toda a natureza, através da cristificação, para o Ponto Ômega: o tempo da amorização plena: a parusia!

Conclusão

Teilhard tem o imenso mérito de haver colocado os verdadeiros problemas sobre os quais os homens de hoje se interrogam; de ter indicado e usado o método de abordagem, que parece o único apto - contanto que devidamente aplicado e complementado pela reflexão filosófica e teológica - de ter proposto algumas conclusões que, embora imperfeitas, são insolitamente estimulantes e provocadoras do pensamento científico, duma parte; filosófico e teológico, de outra.

Teilhard também fez sentir que ambos (materialismo e filosofia-teologia) cochilavam, tranquilamente e demais, sobre a almofada, um dos postulados materialistas, o outro sobre a certeza filosófico-teológica imutável.

²¹ MOLTSMANN, Jürgen. *L'homme. Essai d'anthropologie chrétienne*. Paris: Cerf-Mame, 1974, p. 388.

Se errou, “que outros procurem fazer melhor”, conclui Pe. Pedro Dalle Nogare!

Da nossa parte (Pe. Pedro Dalle Nogare) já temos afirmado, em várias oportunidades, que a obra de Teilhard não é para ser totalmente aceita ou totalmente recusada, mas sim, para ser estudada e explorada no que contém de positivo (e é talvez muito mais do que pensamos).

Ela deve ser corrigida no que apresenta de erros (poucos, para quem se aproxima dela honestamente) e, sobretudo, completada em suas lacunas, algumas graves (para quem tenha capacidade para tanto)!

Teilhard deve ser lido e estudado sem preconceitos e sem fanatismos e, somente assim, a nosso modo de ver, aparecerá às gerações de amanhã como um grande mestre espiritual da Nova Idade²². Mas, o debate continua!

Referências

ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e Cia: A Igreja e a evolução**. São Paulo: Paulus, 1999.

BÍBLIA de Jerusalém. Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1995.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Várias Editoras, 1993.

CHARDIN T. de. In: ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, Vol. XIX. São Paulo - Rio de Janeiro, 1986, p. 10.802-10.803.

CHARDIN T. DE. **O fenômeno humano**. São Paulo: Herder, 1965.

²² DALLE NOGARE, Pedro. **Humanismos e Anti-humanismos...** pp. 191-217.

_____. **Oeuvres** (1916-1926): Paris: Seuil, 1955.

CONCÍLIO DE TRENTO. Documentos (sessão V, cc 2-3). Trento: 1545-1563.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Gaudium et Spes**. Petrópolis: Vozes, 1976.

DALLE NOGARE, Pedro. **Humanismo e anti-humanismos em conflito**. 1. ed. São Paulo: HERDER, 1973.

DE LUBAC, Henri. **La pensée religieuse du Père Teilhard de Chardin**. Paris: Aubier, 1962.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.

LÉVIE, J. L'encyclique "Humani Generis", In: **Nouvelle Revue Théologique**, 72, 1950.

MINOIS, G. **L'Église et la science**. Histoire d'un malentendu. T.2. Paris: Fayard, 1991.

MOLTMANN, Jürgen. **L'homme. Essai d'anthropologie chrétienne**. Paris: Cerf-Mame, 1974.

PIO X. **Pascendi Domini Gregis**. Roma: LEV, 1907.

PIO XII. **Humani Generis**. Roma: Editrice Vaticana, 12/08/50.

RAHNER, Karl. **Antropologia: problema teológico**. São Paulo: Herder, 1968.

_____. "Le monogénisme et la théologie", In: **Écrits théologiques**. T. V. Paris: Desclée de Brouwer, 1966.

_____. "Théologie et anthropologie", In: **Théologie d'aujourd'hui et de demain**. Paris: Cerf, 1967.